

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS
E DE EXECUÇÃO ESPECIALIZADA
DIVISÃO DE ORIENTAÇÃO - SERVIÇO DE ENSINO
EQUIPE DE PORTUGUÊS E LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
ESTRUTURA FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS

NATUREZA ORAL DA LINGUAGEM ARTICULADA

Prof^a Leonor Scliar Cabral

De uma noção bem clara sobre o objeto da lingüística, depende a compreensão do que seja a lingüística. Propomo-nos analisar cada um dos aspectos mais fundamentais da natureza da linguagem articulada. Desdobraremos didaticamente aquilo que constitui um fenômeno unitário em sua complexidade.

"Recapitulemos los caracteres de la lengua:

1º Es un objeto bien definido en el conjunto heteroclítico de los hechos de language. Se puede localizar en la porción determinada del circuito donde una imagen acústica viene a asociarse con un concepto".

Mais adiante: "es un sistema de signos en el que sólo es esencial la unión del sentido y la imagen acústica, y donde de las dos partes del signo son igualmente psíquicas".

"En el hablar corriente, "el lenguaje" designa propiamente la facultad que tienen los hombres de entenderse por medio de signos vocales. Merece la pena detenerse en este carácter vocal del lenguaje".

"Ce que nous percevons d'elle au premier abord, ce sont des sons".

"Já aqui observei que a essência da linguagem está em atribuir sons convencionais, voluntariamente articulados, ou um equivalente desses sons, aos diversos elementos da nossa experiência".

"O primeiro dos aspectos, pois, que analisaremos é a natureza oral da linguagem articulada.

Realmente, quer se a abordagem fôr feita a partir da natureza do signo lingüístico, da origem e evolução da linguagem, do seu aprendizado ou de seu uso, a conclusão será sempre a mesma: ela é oral.

A descoberta de Ferdinand Saussure sobre a natureza

do signo linguístico como a unidade entre o significado e significante que corresponderiam respectivamente a conceito e imagem acústica, mesmo se considerarmos que o gênio de Genebra deu excessivo realce à "langue" em detrimento da "parole" como objeto da linguística, do ponto de vista metodológico, é um elemento capital para a compreensão da natureza oral da linguagem articulada.

Do ponto de vista da origem e evolução das línguas, sabe-se que o formar êste instrumento incomparável de humanização durou aproximadamente 1.000.000 de anos e já havia atingido plena maturidade quando surgiram as convenções gráficas que lhes correspondessem. A escrita pictográfica e ideográfica não é uma representação gráfica de sons que lhes corresponda.

A fase final de aproximação entre a escrita e os fonemas é atingida pela descoberta do alfabeto fenício, no século XII a.C.

Mas é uma aproximação obrigatoriamente falha, apesar dos esforços das reformas ortográficas, porque a convenção gráfica por mais atualizada que esteja sempre se atrasa em relação ao avanço contínuo da língua. Uma mesma convenção serve a uma comunidade que apresenta variantes regionais e diastráticas e ela não pode ser pulverizada a ponto de se tornar um instrumento impraticável de transmissão da cultura na escola e nos diversos meios de comunicação de massas.

No entanto, várias falhas poderiam ser sanadas como a excessiva falta de correspondência que determina que a um mesmo fonema correspondam várias letras ou, reciprocamente, que uma letra corresponda a vários fonemas, num mesmo sistema, se os encarregados das reformas ortográficas possuísem critérios linguísticos mais atualizados como o de que a sincronia deve prevalecer sobre a diacronia, por exemplo. No entanto, como já foi várias vezes observado, quando as reformas ortográficas são muito violentas, podem causar traumas que desvirtuam os fins propostos.

Do ponto de vista do aprendizado, é evidente que desde o nascer a criança está inundada pela oralidade da palavra. É através de sua incorporação que vai aprendendo a dar forma ao seu pensamento caótico, a se comunicar, a opor-se ao mundo, a expressar-se por meio da palavra. Somente aos sete anos entra em contato gradativo com a língua escrita. Mas o predomínio da oral

lidade quer quanto ao mecanismo da linguagem, quer quanto ao uso que dela faz, é indiscutível.

O prestígio da língua escrita, conforme muito bem explica Martinet, decorre do carácter definitivoda coisa escrita mas tem sido funestamente prejudicial ao desenvolvimento da pesquisa lingüística. Até a descoberta da natureza oral da linguagem e a consequente busca de um instrumental adequado, para fornecer com a maior precisão possível os dados da pesquisa e sua posterior veiculação, muitos equívocos foram cometidos.

Já faz bastante tempo que a ciência pôs à disposição dos lingüistas os alfabetos fonéticos para transcrição. Ela pode ser restrita ou lata. Esta última se recomenda aos dialetólogos. Existem dois sistemas, o monotípico, adotado pela API, fundado em 1886 por Raul Passy e o diacrítico. O princípio básico é o de que dentro de cada sistema, a cada fonema deverá corresponder apenas um sinal gráfico, sendo obrigatória a recíproca.

Além disso, há vários instrumentos hoje utilizados como o quimógrafo elétrico, o oscilógrafo catódico e o espectrógrafo, empregados nos laboratórios de fonética.

Conforme muito bem acentuou Saussure, "El testimonio de la escritura sólo tiene valor a condición de ser interpretado".

Do que se afirmou decorrem corolários importantes tanto para a lingüística pura quanto para a aplicada, principalmente no que diz respeito à metodologia.

DIFERENÇA ENTRE CÓDIGO ORAL E ESCRITO

Várias são as evidências que comprovam a diferença entre o código oral e escrito e a predominância daquele em relação a este, quanto ao uso.

Se observarmos o fato, do ponto de vista da origem, verificaremos que o código escrito é uma floração tardia, principalmente, o alfabeto fonético, descoberto pelos fenícios, no século XII a. C.

Ainda hoje, a maioria da população do globo é analfabeta e se comunica apenas pelo código oral.

Quanto à aprendizagem, é sabido que a criança primeiro incorpora o sistema oral da língua, para depois, através de uma transposição, dominar o escrito.

No entanto, o prestígio do código escrito sobre o oral é incontestado e isto se deve, fundamentalmente, à permanência da coisa escrita. Os romanos difundiam largamente o preceito: "Scripta manent, verba volant". Sem dúvida, com aplicações outras que o gênio pragmático dos descendentes de Rômulo fazia valer.

Mas este prestígio tem sido causa de um sem número de incompreensões que atrasam e confundem a orientação do professor em aula, no ensino do português como primeira língua.

A diferença básica, entre o código oral e escrito, é que para cada fonema pode corresponder mais de uma letra e vice-versa. Exemplifiquemos: o fonema /s/ pode ser representado no código escrito pelas letras "s" (em inicial de vocábulo ou depois de "l", "r", "n", conforme "pulso", "curso", "cansaço", "série"); "ss" (dígrafo, quando intervocálico, conforme "posso"); "sc" (conforme "consciência"); "ç" (antes de "e" ou "i", conforme "face", "início"); "ç" (antes de "a", "e", "u", conforme "faça", "faço", "açude"); "x" (seguindo o fonema /k/, conforme "fixo"); "sc" (em "nasço", "desço"); "z" (em final de vocábulo, quando o fonema seguinte é surdo, conforme "fêz tudo"). Por outro lado, a letra "x" pode representar o fonema /s/ (conforme "lixo"); "/z/ (conforme "exame") e até mesmo dois fonemas, conforme acima citado, isto é, /k/ e /s/, no caso "fixo".

Jamais será possível um alfabeto cem por cento fonético, porque a língua escrita se atrasa em relação à oral: as modificações, no código oral são muito rápidas. Além disso, enquanto é possível evitar as variantes, no código escrito, num território vasto, como é o Brasil, o mesmo não pode ocorrer no código oral: são inúmeras as variantes regionais e, dentro de uma mesma área geográfica, inúmeras variantes diastráticas.

Exemplos de como o código escrito se atrasa, em relação ao oral, é no sistema dos verbos, a grafia dos infinitivos: "cantar", "escrever", "partir", por exemplo, que quase todo mundo pronuncia sem "r".

O critério para grafar as palavras se baseia muito no fator etimológico. De vez em quando, há avanço e o critério fonológico ganha um tanto, como é o caso do "sc" inicial ou do "h" medial, conforme "ciência", "desabitado".

ALGUMAS DIFICULDADES DOS PROFESSORES EM AULA

Em virtude do que acima dissemos, são vários os problemas que os professores enfrentam em aula.

- 1) Podemos começar com a identificação dos encontros vocálicos.

Conforme todos sabem, o ditongo é o encontro de uma vogal e de uma semivogal na mesma sílaba. Uma semivogal nunca pode ser centro silábico, na língua portuguesa, somente as vogais. As semivogais são apenas /y/ e /w/. Acontece que, devido às imperfeições gráficas, a grafia dos ditongos não corresponde, muitas vezes, à pronúncia, isto é, aparecem ditongos grafados "ãe" e até "em". Tanto professores quanto alunos se vêem em dificuldade para identificar os ditongos, porque se baseiam pelo código escrito e não pelo oral. O princípio, pois, na identificação dos encontros vocálicos é que devem ser examinados, sempre, na pronúncia e não na grafia.

- 2) Uma das ocorrências mais frequentes nos erros de grafia é "i" e "u" em vez de "e" e "o", nas sílabas átonas, principalmente iniciais nasais, conforme "introsar" em vez de "entrosar"; "custumes" também aparece. Tal fato ocorre porque a distribuição das vogais no sistema do português fica bastante reduzida em sílabas átonas: só aparecem como subtônicas. Os alunos refletem na grafia o que ouvem.
- 3) A confusão entre "s", "x", "z", decorre do que acima foi exposto, isto é, a cada fonema corresponde mais de uma letra, e vice-versa, e, além disto, dominam na grafia critérios etimológicos.
- 4) O uso do hífen apresenta grandes dificuldades, não só pelo fato básico das diferenças entre o código oral e escrito como ainda porque as regras fixadas pelo PVLP a respeito são sistemáticas.

Os alunos, muitas vezes, não usam hífen para separar o verbo do pronome átono enclítico. Tal fato se deve à existência de

uma unidade fonológica, na falta, ou seja, um grupo de fôrça, já que os pronomes átonos não são vocábulos independentes do ponto de vista fonológico. O aluno grafa, outra vez, conforme ouve. Em consequência, também acentua, gràficamente, considerando a unidade, conforme "puséssemos". O excesso de uso do hífen, separando as desinências de pessoa-número ou desmembrando marcas de tempo/modo, não tem origem na discordância entre o código oral e escrito e sim na falta de reconhecimento morfológico, conforme "se eu conta-se", "falanos".